
APRESENTAÇÃO

É com prazer que apresentamos mais uma edição da Revista Oficina do Historiador. Este número se distingue, especialmente, por marcar o processo de renovação da Equipe Editorial que assumiu o periódico em idos de 2012 e esteve responsável pela publicação dos três últimos volumes da Revista. Ao disponibilizarmos a presente edição, construída a partir do trabalho de antigos e novos membros, reafirmamos o papel da Oficina do Historiador como uma Revista discente em suas múltiplas dimensões. Isso inclui desde a busca pela excelência e pela diversificação das publicações recentemente lançadas – que engloba pesquisas oriundas de diversos programas de Pós-Graduação do país –, até a composição da Equipe Editorial – formada por Doutorandos do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS.

A transição anunciada é, além de desejável, imperiosa para manter o fôlego das atividades, tendo em vista que em algum determinado ponto de suas jornadas, os doutorados mais antigos tenham que focar em suas pesquisas. Cede-se um espaço aos mais novos, portanto, não só para o cumprimento da incumbência de manter a regularidade e qualidade das publicações, mas, principalmente, pela importante experiência em nível acadêmico relacionada ao trabalho que é exigido pela Revista. Ainda assim, concomitante à tarefa de edição deste volume, a Equipe Editorial iniciou discussões sobre as mudanças necessárias ao periódico, como o convite de novos conselheiros editoriais e o estabelecimento de dossiês temáticos, enquanto forma de reforçar a circulação da Revista e atrair novos leitores.

A Equipe da Oficina do Historiador compartilha, então, os artigos que compõe o presente volume:

O artigo de Keila Cecília Melo soma-se ao renovado interesse historiográfico sobre o tema “elites”, ao trazer suas contribuições para compreensão da formação e manutenção de grupos hegemônicos em diferentes períodos históricos. Seu estudo busca investigar a elite mineira no século XVIII, valendo-se da análise prosopográfica dos mais abastados indivíduos da capitania,

para compreender especificidades deste grupo social comparado às demais regiões do Brasil Colônia.

Gregório Ferreira Gomes Filho e Saul Eduardo Seiguer Milder publicaram o artigo intitulado “Forte São Joaquim: a ocupação portuguesa do vale do rio Branco no século XVIII”. Os autores analisam a ocupação portuguesa do vale do rio Branco, tendo como ponto de partida as disputas por território entre portugueses, espanhóis e holandeses. No texto, Gomes Filho e Milder afirmam que o Forte alterou as relações entre índios e não índios e auxiliou na consolidação da ocupação daquela área.

No marco da relação entre cultura e poder, o artigo de Gabriela de Lima Grecco visa descrever o controle estatal da imprensa no Brasil durante o século XIX e as primeiras décadas do século XX. Para atingir seu objetivo, a autora faz um ótimo trabalho ao analisar a legislação sobre a imprensa, salientando as diversas mudanças que sofreram os mecanismos de controle estatal.

O artigo de Gabriela Fernandes Siqueira busca compreender como se deu o processo de construção de Cidade Nova no início do século XX, terceiro bairro oficial de Natal (Rio Grande do Norte), em meio a uma nova realidade que surgiu no Estado com a construção do regime republicano. De acordo com a análise proposta, é possível constatar que o processo de modernização da capital norte-rio-grandense foi limitada e guiada por um grupo específico, e não apenas o resultado de um projeto modernizador.

Através do texto intitulado “História e desenvolvimento da atividade pesqueira no litoral norte do Rio Grande do Sul”, delimitado entre os séculos XVII e XX, Lucas Antônio da Silva nos oferece um amplo panorama sobre o grau de importância da pesca para os diferentes grupos que ocuparam o Estado. O estudo é composto, majoritariamente, a partir do cruzamento de relatos de viajantes e fontes arqueológicas e é uma contribuição historiográfica interessante para a diversificação dos estudos relacionados ao Litoral do Rio Grande do Sul.

As autoras Ana Caroline Eiras Coelho Soares e Neide Célia Ferreira Barros desenvolvem uma importante reflexão acerca dos padrões de feminilidade através das representações sobre o corpo feminino. Além disso, analisa a forma com a qual as características conferidas a ele permanecem enquanto heranças sociais utilizando como fonte a publicidade da Revista Feminina.

Elias Coimbra da Silva, da Universidade Federal da Grande Dourados, apresenta um interessante texto a respeito de duas trajetórias e biografias separadas pelo tempo: a de Pierre

Maury, habitante dos Pirineus e que viveu no século XIII, e a de José Coimbra, paulista que viveu durante o século XX. A proposta do autor, ao trabalhar com escalas e micro-análises, centra-se na aproximação das duas biografias a partir da longa duração.

Débora Soares Karpowicz elabora uma pertinente análise acerca da construção da identidade cigana através de depoimentos orais. A autora toma como base os grupos existentes em Porto Alegre e Região Metropolitana, suprimindo importante lacuna sobre a temática no Rio Grande do Sul e no Brasil.

O autor Jonatas Carlos de Carvalho, em artigo intitulado “A emergência da política mundial de drogas: o Brasil e as primeiras Conferências Internacionais do Ópio” oferece reflexões acerca da institucionalização do proibicionismo no Brasil. Nesse sentido, o autor analisa as Conferências Internacionais do Ópio e a participação do Brasil junto a esse organismo.

Em “O diagnóstico de Domingo Faustino Sarmiento sobre o Império Brasileiro em 1842”, de autoria de Liz Andréa Dalfré, relevantes considerações são realizadas acerca do intelectual argentino e suas percepções acerca do Império brasileiro. Analisando os textos produzidos por Sarmiento no periódico chileno El Mercurio, a autora problematiza e relativiza o distanciamento entre a América portuguesa e espanhola.

Na presente edição, ainda contamos com duas resenhas. Jaime Valim Mansan apresenta uma obra de Julio Aróstegui Sánchez sobre o franquismo espanhol. A obra resenhada analisa a violência praticada pelos republicanos espanhóis e a violência praticada pelos golpistas aliados à Franco, em 1936. Já Pedro Henrique Victorasso avalia a obra Festa de negro em devoção de branco: do carnaval na procissão ao teatro no círio, do jornalista José Ramos Tinhorão.

Por fim, mais uma vez ressaltando o atual contexto de transição, informamos a troca do editor-chefe da Revista, saudando o Prof. Dr. Leandro Gonçalves, que recentemente se tornou integrante do nosso Programa de Pós-Graduação em História. Assim, deixamos nosso agradecimento ao Prof. Dr. Marçal Paredes, que não mediu esforços para dinamizar a publicação e conferiu aos membros da Equipe Editorial, que ora se despedem, apreciável grau de autonomia. É com estes apontamentos que esperamos sucesso nos novos números da Oficina do Historiador, notória por ser a única revista discente em História com nota B1 Qualis da CAPES no Rio Grande do Sul.

Boa leitura!